# **Peça:**  **Escola de Mulheres**

**Autor:**  **Molière**

## **Tradutor:**  **Millôr Fernandes**

**Personagem:**  **Inês**

Resumo da ação: Inês conta para o tutor (que, sem que ela saiba, pretende casar-se com ela) o que se passou enquanto ele estava viajando.

É uma história espantosa e difícil de crer. Eu estava na varanda, costurando ao ar livre, quando vi passar debaixo do arvoredo um rapaz muito bem-apessoado. Vendo que eu o via, ele me fez um cumprimento respeitoso. Eu, não querendo ser menos educada, respondi do meu lado ao cumprimento. Ele, rapidamente, fez outra reverência; eu, também depressa, respondi. Ele se curvou então uma terceira vez; e uma terceira vez eu me curvei. Ele passa, retorna, repassa e, a cada ida e volta, se curva novamente; e eu, que, é natural, olhava fixo para esse movimento todo, tinha que responder a cada cumprimento. Tanto que, se em certo instante a noite não chegasse, eu teria ficado ali saudando eternamente. Pois eu não ia passar pela vergonha de ele me julgar menos civilizada. No dia seguinte, eu estava na porta, uma velha se aproximou e disse assim: “Minha filha, que Deus te abençoe e mantenha tua beleza durante muitos anos. Ele não te fez assim tão bela para que você espalhasse o mal por onde passa. Você deve saber que feriu um coração que está, assim, forçado a se queixar de ti.” “Eu feri o coração de alguém?”, eu perguntei espantada. “Feriu”, me respondeu a velha, “e feriu seriamente. Falo daquele jovem que ontem, da varanda, você cumprimentou.” “Mas como?”, disse eu. “Qual foi a causa? Por acaso, sem querer, deixei cair um vaso em cima dele?” “Não”, me respondeu a velha. “O golpe fatal partiu desses seus olhos: você o fitou e ele sentiu o coração em chamas.” “Ai meu Deus! (Eu estava cada vez mais espantada.) Meus olhos expelem algum mal que vai ferir os outros?” “É isso,” concordou a velha, “Teus olhos, minha filha, têm uma luz venenosa que você não conhece. Mas o fato é que o rapaz definha, o pobre miserável; e se, o que não creio”, continuou a caridosa velha, “teu coração cruel se recusar a consolá-lo, será entregue à terra dentro de poucos dias.” “Deus seja louvado”, respondi. “Eu sentiria muito. Que tenho de fazer para ajudá-lo?” “Filhinha”, me esclareceu a velha, “ele não deseja mais nada senão te ver e conversar contigo. Só teus olhos podem impedir que ele morra: o olhar que o mal causou servirá de remédio.” “Oh, mas estou tão contente”, tratei de responder, “e, já que é só isso, que ele venha me ver quantas vezes quiser.” Foi assim que ele veio me ver, e ficou logo curado. Agora, me diga francamente, eu não tinha razão? Eu podia arriscar o remorso de deixar o pobrezinho morrer sem amparo? Eu, que não posso ver ninguém sofrer, que choro quando vejo matarem uma galinha?